

A INFLUÊNCIA DE FATORES EXTRALINGUÍSTICOS NA REFERÊNCIA A ENTIDADES COM TRAÇO SEMÂNTICO [+ HUMANO] NO FALAR MINEIRO

Luana Moreira Galvão ¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar as possíveis influências de fatores extralinguísticos que condicionam, no português falado em Minas, a escolha de nomes gerais na referência a entidades com traço semântico [+ humano]. A base teórica deste estudo apoia-se em Halliday e Hasan (1995), Koch (2004), Labov (2008), Mahlberg (2005) e Pelo (1986). Fez-se uma coleta dos nomes gerais em *corpora* de entrevistas com habitantes de seis cidades mineiras: Belo Horizonte, Campanha, Mariana, Minas Novas, Ouro Preto e Paracatu. Os dados para análise são do perfil do informante (gênero, escolaridade e faixa etária) e do contexto em que os 28 nomes foram encontrados. Embora não havendo o objetivo de se fazer uma análise quantitativa, alguns nomes possibilitaram seu estudo ao apresentarem usos mais marcados entre grupos sociais; itens como *senhor*, *senhora* e *dona* apareceram mais vezes na faixa etária mais avançada, enquanto *velho* e *velha* ocorreram mais entre as crianças e os jovens. As escolhas mostram-se possivelmente condicionadas pela avaliação subjetiva, pela consciência do nível de formalidade ou ainda pelo assunto abordado na entrevista. Essa análise, entretanto, é parcial e requer novos dados, além de uma quantidade maior e mais expressiva de informantes para que se possam ampliar os resultados encontrados.

Palavras-chave: sociolinguística, português mineiro, nomes gerais.

¹ Graduanda em Letras da Faculdade de Letras da UFMG – Licenciatura em Português e Francês. E-mail: luanagalvao7@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa intitulado *O uso de nomes gerais nos falares mineiros*² analisa os nomes gerais no português falado no estado de Minas Gerais³. Por nomes gerais compreendem-se aqueles itens que podem ser núcleos de sintagmas nominais que se referem a um conjunto grande de entidades. São exemplos: *coisa, trem, negócio, pessoa, gente, lugar, área* etc.

Este artigo apresenta resultados parciais desse projeto, visando ao uso de nomes gerais exclusivamente para entidades humanas sob a perspectiva sociolinguística, isto é, levando-se em consideração o perfil social do falante e verificando se as características e situações externas à língua têm alguma influência na escolha dos itens lexicais.

O trabalho utiliza transcrições de entrevistas feitas com moradores de cidades de Minas Gerais. Essas transcrições abrangem perfis distintos de informantes, mas apenas algumas de suas características extralinguísticas foram consideradas nesta análise: gênero, nível de escolaridade e faixa etária. Algumas tendências puderam ser observadas: certos nomes gerais mostram-se mais frequentes em alguns grupos; outros nomes, não. Uma das causas disso poderia ser a rejeição de itens estigmatizados pela comunidade que os recusa, revelando, talvez, aspectos de avaliação social subjetiva.

Este artigo organiza-se a partir da fundamentação teórica do assunto, abordando também a motivação inicial da pesquisa, seus objetivos, a metodologia utilizada, os resultados alcançados, as análises dos dados e as considerações finais.

² Projeto de pesquisa vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística (NUPEVAR) da FALE/UFMG e ao projeto PROCOPE (Ruhr-Universität Bochum / Université de Strasbourg).

³ Corpora do projeto NUPEVAR e de Amaral (2003).

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E JUSTIFICATIVA

Alguns trabalhos teóricos já abordaram, por uma perspectiva ou por outra, o uso de nomes gerais na linguagem. Um dos estudos pioneiros desse assunto foi publicado pela primeira vez em 1967, por Halliday e Hasan, sob o aspecto da coesão lexical da classe dos substantivos gerais (“general nouns”), como alguns dos seguintes exemplos:

people, person, man, woman, child, boy, girl [humano]

creature [não humano animado]

thing, object [inanimado concreto contável] (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 274)

Os autores afirmam ainda que um nome geral pode conter alguma atitude particular do falante, indicando uma avaliação subjetiva à entidade referida (como *idiot, fool, dear*).

Chamando também de nomes genéricos e tratando de anáfora, Koch (2004, p. 250) discorre brevemente sobre esses itens: “outra forma de retomada anafórica é a que se faz por meio de nomes genéricos, tais como *coisa, pessoa, negócio, criatura, indivíduo*”. Como Halliday e Hasan (1995), destaca que a escolha dos itens pode estar ligada a fatores extralinguísticos, dizendo, por exemplo, que *trem* seria indicativo do dialeto mineiro.

Pelo (1986) pesquisou os nomes gerais nos jornais italianos, sob os aspectos também de elementos sintáticos de coesão, da anáfora ou da catáfora e da função de hiperonímia operada por esses nomes no texto. Alguns itens lexicais encontrados foram *fato, coisa, problema, situação, ideia, questão, gente, negócio/acordo, negócio/assunto, dado, trabalho/obra, caso* (p. 206).

Mahlberg (2005), ao trabalhar com linguística de *corpus* e destacar a alta frequência de nomes gerais no *corpus* que analisa, aborda a função coesiva e anafórica dos mesmos, E relaciona os efeitos de sentido e estratégias textuais possíveis a partir das combinações dos substantivos com alguns modificadores ou

simplesmente quando carregados de interpretação funcional (rotulação, avaliação...).

Conforme se vê, os estudos sobre nomes gerais não são numerosos, e os existentes tratam, sobretudo, das funções textuais que eles podem desempenhar, em combinação ou não com modificadores. É pouco explorada a questão do uso de nomes gerais na língua oral: alguns autores trazem exemplos comuns na língua falada, mas sem uma sistematização formal ou dados reais de *corpus*.

Dessa forma, os estudos citados contribuem com a fundamentação teórica para a proposta deste artigo, mas não são suficientes porque não contemplam a fundo a relação do uso de nomes gerais com os fatores externos que influenciam a escolha de falantes, uma vez que o propósito aqui é mostrar se há influência de fatores extralinguísticos na escolha de nomes gerais com o traço [+humano] no português falado em Minas Gerais.

A sociolinguística tem, pois, papel essencial nos estudos que tratam da língua em uso, pois sistematiza o “universo aparentemente caótico da língua falada” (TARALLO, 1999, p. 5) e esclarece que há algumas causas, externas à língua, que motivam as realizações dos falantes em sua grande diversidade.

William Labov (2008) representou o marco dos estudos da área e tornou-se referência. Em Nova York, nas décadas de 1960 e 1970, Labov propôs-se a analisar as diferenças de pronúncias de alguns fonemas pelos funcionários de certas lojas de departamento, isto é, estabelecimentos comerciais especializados na venda de diversos tipos de produtos, organizados por andar. Da mesma forma era a divisão dos funcionários (informantes) que participaram da pesquisa: cada um na especificidade daquilo que vendia, por andar. Ocupando-se de um fenômeno de caráter fonético-fonológico, Labov conseguiu constatar uma variação sonora que se refletia na estratificação social baseada em cada andar onde ficavam os funcionários.

Entende-se, também neste estudo, a importância do ponto de vista sociolinguístico na análise de itens lexicais com características semânticas parecidas e os usos particulares de cada grupo social. A ressalva é que, diferentemente de Labov (2008), a procura agora não é por variação e/ou mudança linguística, mas

uma relação dos fatores extralinguísticos condicionadores da escolha de nomes gerais com traço semântico [+ humano] na língua falada.

2 OBJETIVO

Existem diversos tipos de nomes gerais para falar de pessoa, no que tange a aspectos semânticos (coletivo ou individual, feminino ou masculino, de qualquer idade etc.), e todos eles entram na análise proposta neste artigo. A partir de uma observação inicial dos *corpora*, verificou-se que o uso de alguns nomes gerais era mais frequente em certos grupos sociais, sobretudo pela diferença de gênero e pelas faixas etárias mais distantes entre si.

Por exemplo, o item *jovem* seria evitado por falantes da faixa etária entre 15 e 30 anos, justamente os falantes “jovens”. Essa hipótese foi levantada a partir de uma clara rejeição observada na fala de uma informante de 23 anos, contida nos dados de um dos municípios analisados. O pesquisador fez-lhe a seguinte pergunta: “O que você acha sobre o uso de drogas pelos **jovens**?”. A entrevistada, que poderia sofrer alguma influência pelo item já usado pelo pesquisador, faz uma escolha diferente, evitando usá-lo: “Pra mim é supernormal e acho que a... as **pessoas** elas elas têm tal... talvez seja um alívio estar fumando”. (Informante feminino, 23 anos, de Ouro Preto). Além disso, na breve observação do item *velha*, foi possível perceber uma sutil recusa pelos informantes de mais de 50 anos, ou seja, pelos informantes “velhos”.

Estendendo essa hipótese, a rejeição dos itens poderia estar ligada à opção por um distanciamento entre o grupo social do qual o falante faz parte e os nomes gerais que ele escolhe: crianças evitariam usar *criança*, e idosos fariam outra escolha que não *idoso* ou *velho*, por exemplo.

Essas possibilidades descritas acima e outras afins foram analisadas com o objetivo de se buscarem resultados que pudessem dar respostas a essas questões. Segundo os dados extralinguísticos, visa-se explicar como se organiza a distribuição do uso de nomes gerais para [+humano] nos grupos sociais, assim como identificar quais fatores externos motivariam a escolha dos falantes.

3 METODOLOGIA

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é descrever o uso de nomes gerais no português falado em Minas Gerais, os textos orais produzidos por falantes mineiros constituem os *corpora* básicos para análise, e os dados são de Amaral (2003) e do Projeto Mineirês.

3.1 Os *corpora* analisados

3.1.1 O *corpus* da dissertação de Amaral (2003)

A dissertação de Amaral (2003) tem um foco linguístico específico e diferente da proposta deste trabalho: analisar a variação de um fenômeno sintático (ausência/presença de artigo diante de antropônimos) no português oral de Minas Gerais. A escolha dos municípios foi estratégica, seguindo a existência de zonas dialetais que obedeceriam a uma divisão de falares em Minas, a nível fônico e lexical, proposta por Zágari (1998). Assim, foram escolhidas as cidades de Campanha (Sul do Estado), Minas Novas (Vale do Jequitinhonha) e Paracatu (Noroeste de Minas), conforme o mapa abaixo:



Mapa 1 – Localização de Campanha, Minas Novas e Paracatu, municípios do CORPUS de Amaral (2003). Fonte: Amaral (2003, p. 60).

O *corpus* contém transcrições de 23 gravações produzidas nos anos de 2001 e 2002 e possui 55000 palavras aproximadamente. Os informantes têm entre 18 e 30 anos e acima de 50.

3.1.2 Projeto Mineirês

O Projeto Mineirês é um projeto de pesquisa do Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística (NUPEVAR), da Faculdade de Letras da UFMG, que estuda o dialeto falado em Belo Horizonte e o contrapõe ao dialeto dos dois mais antigos núcleos populacionais em Minas Gerais: Ouro Preto e Mariana, que correspondem à região geolinguística do falar mineiro, segundo Nascentes (1954) e Zágari (1977). Seu objetivo é identificar e descrever especificidades do dialeto belo-horizontino e explicá-los com base em dados sócio-históricos.

O *corpus* do Projeto, com transcrições de gravações em Ouro Preto, Belo Horizonte e Mariana, não é uniforme no que diz respeito a perfil de informantes e quantidade de entrevistas. Belo Horizonte apresenta informantes crianças, adolescentes, adultos e idosos, num total de 16 entrevistas. Mariana contribuiu

apenas com crianças de cinco a 11 anos, totalizando 23 gravações. Ouro Preto apresenta somente cinco gravações, cujos informantes estão entre 23 e 27 anos, havendo um idoso e um adulto de 53 anos. Essa diversidade e irregularidade nos *corpora* ocasionadas pelo método de coleta de dados não constituem, no entanto, um impedimento à pesquisa, pois, no quadro do português mineiro, a representatividade dos dados foi satisfatória para uma visão geral da seleção de nomes gerais pelos falantes.

4 OS FATORES EXTERNOS

Os fatores extralinguísticos possivelmente condicionadores de influências no português falado em Minas Gerais são aqueles explicitamente fornecidos por Amaral (2003) e pelo Projeto Mineirês: gênero (masculino ou feminino), escolaridade (analfabetos ou de escolaridade primária [nível 1] e de formação secundária ou superior [nível 2] – classificação de Amaral (2003)). A faixa etária também é importante neste estudo, mas o critério de nivelamento não corresponde ao de Amaral (2003), em que se separou em apenas duas faixas de idade para serem consideradas: informantes de 18 a 30 anos e informantes acima de 50 anos. Observou-se a necessidade de incluir outros níveis, porque as gravações do Projeto Mineirês apresentam dados de crianças e adolescentes. Assim, a divisão corresponde às seguintes faixas etárias:

A: de 7 a 14 anos

B: de 15 a 33 anos

C: acima de 49 anos

5 IRREGULARIDADE DOS CORPORA

Conforme mencionado acima, há irregularidades entre os informantes que participaram da coleta de dados. A começar por as cidades não terem, por exemplo, representantes de todas as faixas etárias. O ideal seria haver o mínimo de

representantes não só de faixa etária, mas também dos níveis de escolaridade e dos dois gêneros, em cada cidade. Isso não acontece.

A dificuldade aqui aumenta quando se considera que os *corpora* de dois trabalhos diferentes em objetivo e equipe estão sendo usados para um mesmo fim, que também é distinto do fim desses dois trabalhos. Além disso, o fato de o trabalho depender de pessoas pode gerar uma grande variação nos *corpora* devido à falta de total controle da fonte de dados. A reação do informante pode ser mais ou menos retraída diante do(s) pesquisador(es) e do gravador, definindo o nível de espontaneidade, que, para o pesquisador, precisa ser alto. O informante pode também simplesmente não realizar a ocorrência procurada, assim sua contribuição se torna nula e é descartada.

O método da coleta de dados não se mostra, então, ideal e simétrico, mas a vantagem significativa foi a possibilidade de se colherem muitos dados procurados nas conversas informais e a partir dos assuntos que diziam respeito à vida cotidiana dos entrevistados; era comum que eles mencionassem pessoas da família, amigos, conterrâneos, pessoas que conheceram e colegas de trabalho ou de estudo. Sendo assim, os informantes recorreram a bastantes formas para fazer referência a essas entidades humanas, precisando tomar quase sempre os nomes gerais com o traço semântico [+ humano]. Isso favoreceu a coleta de dados.

6 OS NOMES GERAIS

O objeto linguístico deste trabalho são os nomes gerais com traço semântico [+ humano] presentes nas transcrições das entrevistas coletadas nos municípios de Belo Horizonte, Campanha, Mariana, Minas Novas, Ouro Preto e Paracatu. Os itens lexicais encontrados foram *adolescente, camarada, cara, criança, dona, galera, gente, homem, idoso, indivíduo, jovem, menina, meninada, menino, moça, moçada, moço, mulher, nego, pessoa, pessoal, povo, rapaz, senhor, senhora, velha* e *velho*. Só foram considerados os núcleos de sintagmas nominais com função de sujeito, objeto direto ou complemento de preposição, podendo ser usados para fazer referência a todo tipo de entidade humana: (i) coletivo ou unitário, (ii)

masculino ou feminino, (iii) de qualquer idade, (iv) real ou hipotética, (v) específica ou não específica. Alguns exemplos:

- (i) Coletivo: “um dia teve uma apresentação na escola e o **pessoal** era lá de Belo Horizonte” [MAR, M, 8].
- (ii) Masculino: “tinha uma música né particular né o **cara** tocava e então a gente tinha de correr a casa das namorada” [OPT, M 53].
- (iii) Criança: “nessa aula de ritmo trabalhava é... é co::m... [crian] várias **crianças** numa sala toda carpeta::da... todos eles tinham um fone no ouvido ligado” [BH, F, 49].
- (iv) Real: “quando compretô três intão nós mudamo pra aqui né?... pra pudê cuntinuá com os **minino** pra istudá... e com isso nós foi ficano aqui” [MNV, F, 75].
- (v) Específica: “namorado tenho não já tive muito mais agora faz treis meses que eu moro com um **rapaz** é um argentino” [OPT, F, 23].

Itens em posição de (vi) vocativo, (vii) pronome ou (viii) título não entram na análise:

- (vi) “ô **moço**... dos mais veio que tem aqui nos meio” [MNV, F, 53].
- (vii) “a **gente** lê muito é muita teoria” [BH, F, 19].
- (viii) “eu conheço a Selma... o **sinhor** Leandro Fonseca... mais a mulher dele que era... filha de italiano” [CMP, F, 70] e “fez aquela casa onde que é/onde tem ua lojinha ali... ali pra cima da padaria de **dona** Teresa” [MNV, M, 58].

Também é assim com itens na função de (ix) adjunto adnominal e (x) predicativo do sujeito, uma vez que não estão no papel de núcleo de sintagma nominal:

- (ix) “pessoal bem **jovem** né” [MNV, M, 20].
- (x) “no tempo que eu era **moça**” [MNV, F, 69].

Outros casos igualmente não foram considerados:

- Nomes gerais em títulos de programas televisivos:

(xi) “aquela de... Desejo das **Mulheres**/de **Mulheres** eu (num assisto)... que nem a do/do... Frederico lá mesmo eu... eu assisto mais” [MNV, F, 18].

- *mulher* como sinônimo de *esposa*:

(xii) “eu conheço a Selma... o senhor Leandro Fonseca... mais a **mulher** dele que era... filha de italiano o Fonseca já não era são de portugueses” [CMP, F, 70].

- *dona* como aquela que tem a posse ou “dona de casa”:

(xiii) “meu avô é fazendeiro e minha vó é **dona** di **dona** di casa ela faz cumida” [MAR, F, 11].

Além disso, tendo em vista que a variação fonológica não foi observada, as variantes fônicas de um nome não foram diferenciadas. Por exemplo: para *mulher*, há ocorrências como *mulé*, *muié*, *mulhá*. Na quantificação, entretanto, o registro foram simples realizações de *mulher*.

7 RESULTADOS

Partindo do entendimento de que os resultados apresentados não visam ser quantitativos, não há neste trabalho representações gráficas ou exposições numéricas em tabelas ou quadros. Esta poderia ser tarefa para um estudo posterior ou uma segunda versão deste artigo. As interpretações dos dados revelam apenas algumas tendências observáveis em relação à escolha lexical dos informantes.

Os nomes gerais encontrados compõem um conjunto inicial grande e variado, isso poderia ser uma vantagem para a pesquisa, porém existe um fato que inviabiliza a obtenção de resultados significativos. A realização de alguns itens não contribui para um estudo comparativo porque há casos de ocorrências esporádicas, como *camarada* (uma ocorrência: MNV, F, 75), *indivíduo* (uma ocorrência: BH, F, 19), *meninada* (uma ocorrência: PCT, M, 70), *moçada* (uma ocorrência: OPT, F, 23), *nego* (três ocorrências: OPT, M, 27) e *sujeito* (uma ocorrência: MAR, F, 7).

De todos os itens encontrados, que somam 28, apenas alguns tiveram resultados expressivos e que puderam ser interpretados. Os dados para análise são do perfil do informante (gênero, escolaridade e faixa etária) e do contexto em que os nomes foram encontrados. Ao contrário da escolaridade, a relação com gênero e

faixa etária destacou-se como fator sociolinguístico relevante em certos casos, os quais serão explicitados. Alguns, apontados a seguir, marcam mais claramente determinados grupos sociais; outros, não. A descrição dos resultados será iniciada a partir dos nomes com traço semântico exclusivamente [+ coletivo] e seguirá com aqueles que permitem traço [- coletivo].

O nome *peçoal* se mostrou mais frequente nas faixas etárias B e C, com pouquíssimas ocorrências na faixa A e equilíbrio entre os gêneros, em todas as idades. Houve uma discrepância provocada pelo informante [OPT, M, 27], que realiza muitos itens como, além de *peçoal*, *povo* e *gente*, porque fala durante boa parte da entrevista sobre organizações em massa da população da cidade e de turistas/imigrantes.

De forma semelhante, também pouco frequente entre a faixa infantil, o item *povo* está presente na fala principalmente da faixa de idade mais avançada, mas as realizações desse grupo não se sobrepõem muito às da faixa B, com leve tendência a uma predominância na fala feminina.

Um dos itens que mais pareceu neutro foi *gente*, apresentando um número indicativo de equilíbrio entre as faixas etárias e os gêneros. Bem diferente, o item *galera* mostrou quase exclusividade da faixa B, apesar de poucas ocorrências por informante. Não houve realização na faixa A.

A partir daqui, os nomes analisados serão os que têm a propriedade de se referir também a entidades individuais. O primeiro é *pessoa*, o mais usado dentre todos os outros nomes. Isso, talvez, porque pode fazer referência a humanos com quaisquer outros traços: coletivo, individual, feminino, masculino, jovem, velho etc.

Um nome que limita um grupo por idade e gênero é *senhor*. Este item se mostrou mais frequente entre falantes da faixa etária mais velha e menos frequente à medida que a idade dos informantes diminui. Nas faixas A e B, as realizações são apenas do gênero masculino. Por outro lado, na faixa C, registra-se somente seu uso por mulheres. O feminino de *senhor*, isto é, *senhora*, também foi predominante na faixa C e exclusivamente realizado pelo gênero feminino. Não houve ocorrência na faixa infantil.

Um item para entidades humanas femininas e que não tem correspondente masculino, diferente de *senhora*, é *dona*. Este nome teve poucas ocorrências, em B e C; porém, não teve em A.

Ainda para referência exclusiva a entidades humanas de idade mais avançada, foram encontrados também os itens *velho*, *velha* e *idoso*. O primeiro apareceu poucas vezes nas faixas A e C, sem diferença quanto ao gênero, e não apareceu na B. Já *velha* ocorreu entre mais entrevistados infantis e menos entre entrevistados da faixa C. O item *idoso*, cujo feminino (*idosa*) não fora encontrado, teve poucas ocorrências: nenhuma na faixa C, apenas uma na faixa A e duas na B. Apesar de suas raras realizações, este nome entrou na análise para ser comparado com os outros dois itens que podem fazer referência a homens de idade avançada: *senhor* e *velho*. Uma vez que todos têm essa propriedade, poderiam apresentar capacidade intercambiável entre si, mas a análise com olhar sociolinguístico procura verificar justamente se isso ocorre e, se sim, os possíveis motivos.

Nome bastante usado entre todas as faixas etárias, *homem* tem a potencialidade de fazer referência a entidades humanas masculinas tanto jovens quanto idosas, podendo concorrer, no que diz respeito à referência, com *velho*, *senhor* e *idoso*, além ainda de *cara*, *moço* e *rapaz*. Este item (*rapaz*) não teve registro na faixa A, mas nas outras teve uso frequente e diferiu de *moço* na distribuição. A faixa etária B registrou apenas uma ocorrência de *moço*, e as faixas A e C tiveram poucas realizações, mas significativas, uma vez que era possível ao falante selecionar outro nome para a mesma entidade. Já o item *cara* mostrou resultados mais marcados, porque a diferença entre as médias aproximadas por faixa etária e gênero foi grande. A ocorrência desse nome é mais frequente entre os informantes do gênero masculino nas três faixas de idade e, entre elas, é alta na faixa A, mais baixa na B e ainda menor na faixa C. Além disso, as ocorrências por falante do gênero masculino variam entre uma e nove, enquanto as ocorrências por falante do outro gênero variam entre uma e quatro.

Ainda na referência a entidades masculinas, porém mais jovens, *menino* teve uso frequente em todas as faixas de idade, tendo grande destaque a faixa infantil, seguida da faixa C e, por último, da B. O feminino, *menina*, também foi um

item muito usado por todas as faixas. Entre a faixa etária A, onde houve mais ocorrências, quase todos os informantes do gênero feminino realizaram-no. Nas faixas B e C, a média aproximada das ocorrências foi quase a mesma, porém, com diferença entre os gêneros. Em B, os falantes homens realizaram pouco mais que as mulheres; em C, o destaque foi para elas.

Para *moça*, o uso foi menor na faixa etária B. Na faixa A, usou-se pouco também. Em C, este item foi mais usado por falantes de gênero feminino. *Mulher* teve alto registro de uso, porém mais significativo na faixa C e menos na B.

Por fim, os itens empregados segundo a idade da entidade referida para os dois gêneros: *jovem*, *adolescente* e *criança*. O primeiro foi mais vezes encontrado na faixa B, usado por poucos entrevistados, seguida de C e A. O nome *adolescente* foi ainda menos empregado: na faixa infantil, ocorreu por meio apenas de um informante.

Finalmente, o item *criança* chamou atenção para o alto uso que teve na faixa etária A. Nas outras faixas, as ocorrências foram de poucos informantes, havendo duas discrepâncias no que se refere a número de realizações por entrevistado: [14 ocorrências: OPT, M, 27] e [16 ocorrências: BH, F, 49]. O curioso é verificar que, apesar de não ter sido medida a influência da profissão, nestes casos ela aconteceu, pois ambos trabalham com crianças e, como relataram muito o ambiente profissional, a consequência direta deu-se nas numerosas realizações deste item. Não houve, entretanto, outros casos que mostrassem claramente essa relação de ocorrências com a ocupação/carreira.

8 ANÁLISE DOS DADOS

A partir da apresentação dos resultados, algumas considerações importantes podem ser levantadas como possíveis influências na escolha dos nomes gerais, não somente pelas características do perfil social do informante, como mais esperado, mas também pela situação de comunicação. Três principais fatores mostraram-se relevantes: (a) nível de consciência de formalidade e contato com “língua de prestígio”, (b) assunto abordado durante a entrevista e (c)

identificação positiva ou negativa que o informante tem, inconscientemente, com os itens para pessoas de mesmas características do próprio falante, como idade e gênero. O nível de escolaridade não se destacou como influência extralinguística.

De um lado, nomes como *gente* e *pessoa* não demonstram ser muito marcados nos grupos sociais. De outro, alguns nomes aparecem raramente, por exemplo, na faixa etária infantil, isto é, de informantes com pouca escolaridade, ainda em processo de aprendizagem sobre o grau de formalidade em situações de conversa com desconhecidos, e isso pode revelar escolhas linguísticas. Os casos de *peçoal*, *povo*, *rapaz* e *cara* podem ilustrar bem essa provável influência. Os três primeiros itens, constituídos de certo nível de formalidade, são raros nas realizações infantis, enquanto *cara*, marcadamente informal, carrega a fala dessa faixa etária.

Também sob a hipótese de influência da situação de pesquisa, os itens *jovem* e *adolescente*, que foram usados como nomes gerais de pessoa, aparecem pouco em todas as faixas, indicando um uso causado por essa circunstância formal, porque outros itens, aqueles para entidades com traços semânticos semelhantes, são mais frequentemente escolhidos.

Outro ponto que também pode estar relacionado à ausência de *peçoal* e *povo* entre as crianças é o assunto abordado nas entrevistas. Geralmente, para um pesquisador ou qualquer outro adulto conseguir prolongar uma conversa com uma criança, pergunta-se sobre a rotina dela, ou seja, a escola, principalmente. Essa pode ser a causa de *peçoal* e *povo* quase não ocorrerem em falas dessa idade, uma vez que esses itens são mais usados para fazer referência a noções de sociedade, comunidade, população em massa e afins, em oposição a *criança*, *menino* e *menina*, os quais se encontram numerosamente na faixa A. Entre os adultos, conforme brevemente comentado sobre o caso de profissionais da educação, que trabalham com muitas crianças, a profissão revelou influência na realização frequente de *criança*, por exemplo, ao tratarem de rotina de trabalho, mas esse tipo de informação não fora sistematizada, não podendo ser, assim, analisada nesta pesquisa.

Por fim, o último fator apontado entre aqueles influentes na seleção dos nomes gerais diz respeito ao julgamento implícito que o falante faz desses itens. A

rejeição por alguns grupos pode ser indício de uma avaliação subjetiva negativa que o falante leva em conta na escolha lexical, inconscientemente, se ele tem as características que o colocam no grupo denominado pelo item que rejeita. Por exemplo, homens da faixa etária C evitam o uso de *velho* e *idoso* e preferem *homem* e *senhor* para se referirem a pessoas do mesmo gênero e da mesma idade. Mulheres dessa faixa evitam *velha* e escolhem *mulher*, *senhora* e *dona* para outras mulheres também dessa idade. Da mesma forma, *moça*, *moço* e *rapaz* não parecem ter primazia entre os falantes jovens, da faixa B, pois esses falantes podem ser nomeados com tais itens e parecem, em algum nível, estigmatizá-los. Por outro lado, a mesma faixa parece gostar de ser identificada pelo coletivo *galera*, porque há mais ocorrências deste item na faixa B do que nas demais.

Esses casos podem indicar uma defesa social e inconsciente de todo o grupo acerca de como ele deseja ou não ser identificado na língua. É comum ainda que a escolha seja pautada por alguma neutralidade, como nos itens *homem* e *mulher*, por exemplo, que podem fazer referência a entidades com diversos traços semânticos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma perspectiva sociolinguística, foi possível complementar os estudos teóricos acerca dos nomes gerais. Neste caso, especialmente, os itens estudados tiveram a peculiaridade de poderem revelar como os falantes avaliam e usam os nomes gerais para referirem-se a entidades com características semelhantes às deles mesmos. O indicativo dessa avaliação, que é subjetiva – pois se mostra na fala espontânea – e pode ser positiva ou negativa, foi a recusa ou a escolha de alguns itens.

Ao contrário do que foi levantado na apresentação das hipóteses, não necessariamente o falante identificado por certo nome estaria evitando usá-lo a fim de alcançar um suposto distanciamento entre o grupo social do qual faz parte e o que ele diz. Essa recusa parece acontecer somente se o informante percebe no item

algum juízo de valor negativo, como em *velho* e *velha*, o que se manifesta de forma subjetiva.

Com respeito à seleção de nomes conforme o nível de inconsciência de formalidade linguística e à influência do assunto abordado, esses eram aspectos não esperados pelo conjunto de hipóteses. No entanto, apontam para o cuidado necessário em sua interpretação, isto é, a atenção para que a escolha do falante não seja justificada por sua faixa etária somente, por exemplo, mas que se considerem todos os possíveis fatores conjuntamente. Entende-se que a análise desses diversos prováveis aspectos não compete a este trabalho, uma vez que a proposta aqui não é aprofundar-se em processos como a de aquisição da consciência de formalidade na língua nem investigar a influência dos contextos situacionais de comunicação. Apesar disso, esses são também, de uma forma ou de outra, conceitos relacionados à sociolinguística, pois a realidade que envolve os falantes dificilmente pode ser fragmentada, sobretudo em contextos mais espontâneos de comunicação.

Toda a análise apresentada ainda é parcial e requer novos dados, além de uma quantidade maior e mais expressiva de informantes para que se possam fazer afirmações assertivas a respeito dos resultados.

RÉSUMÉ

L'objectif de ce travail est de vérifier les influences possibles que peuvent avoir les facteurs extralinguistiques en portugais parlé dans le Minas Gerais dans le choix des noms qui se réfèrent à des entités ayant comme trait sémantique [+ humain]. Dans cette étude, nous nous basons théoriquement sur Halliday et Hasan (1995), Kleiber (1987), Koch (2004), Labov (2008), Mahlberg (2005) et Pelo (1986). Nous avons repéré des noms généraux en *corpora* d'entretiens avec des habitants de six villes du Minas Gerais. Les données pour notre analyse correspondent au profil de l'informateur et au contexte où les noms ont été trouvés. Ces derniers sont au nombre de 28 dont *cara, criança, dona, homem, indivíduo, menino, moçada, moço, mulher, pessoa, povo, senhor, senhora, velha* et *velho*. Quelques-uns parmi eux nous ont rendu une meilleure étude car ils présentent des usages plus marquants selon les groupes sociaux. Des noms comme *senhor, senhora* et *dona* ont été repérés plusieurs fois chez les personnes plus âgées tandis que *velho* et *velha* sont plus présents chez les enfants et chez les jeunes. Ainsi le refus d'utilisation de certains noms par certains groupes peut être l'indice d'une évaluation subjective négative ou simplement une

adéquation du style au contexte de l'entretien. Cette analyse reste cependant partielle et de nouvelles données ainsi qu'un nombre plus expressif d'informateurs sont nécessaires pour que les résultats aient une grande portée.

Mots-clefs: sociolinguistique, portugais du Minas Gerais, noms généraux.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Eduardo T. R. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. 140 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.
- HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. 14. ed. London/New York: Longman, 1995.
- KOCH, Ingedore G. V. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires. (orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MAHLBERG, Michaela. *English general nouns: a CORPUS theoretical approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.
- NASCENTES, Antenor. *Elementos de filologia românica*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.
- PELO, Adriana. I "nomi generali" nella lingua dei giornali italiani. In: LICHEM, Klaus; MARA, Edith; KNALLER, Susanne. (ed.). *Parallela 2: aspetti della sintassi dell'italiano contemporaneo*, Atti del 3° incontro italo-austriaco di linguisti a Graz (28-31 maggio 1984), Gunter Narr, Tübingen, 1986, p. 205-214.
- PROJETO MINEIRÊS. Projeto contido no Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística - grupo de pesquisa coordenado por Jânia Ramos – FALE/UFMG. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/nucleos/nupevar/>>. Acesso em: 10 dez. 2011.
- PROCOPE. Projeto coordenado por Wiltrud Mihatsch - Ruhr-Universität Bochum, em parceria com a Université de Strasbourg. Disponível em: <<http://homepage.ruhr-uni-bochum.de/wiltrud.mihatsch/Aktuelles.html>>. Acesso em: 27 set. 2012.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1999.

ZÁGARI, Mário R. L.; RIBEIRO, José; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* - v. 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.